

A biblioteca do Convento de Mafra, ideais estéticos e construção: do modelo joanino ao pragmatismo das Luzes

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Uma das consequências mais visíveis da dimensão pública das bibliotecas na Idade Moderna, como lugares de partilha e acesso generalizado, materializa-se na crescente preocupação com a sua componente decorativa, convertendo-as em espaços particularmente cuidados. Contudo, este capítulo da história das bibliotecas, dedicado à sua estrutura funcional, soluções espaciais, decoração e equipamentos, tem sido particularmente esquecido.

Assunto que constitui um excelente exercício de análise estética, revelando-se um eficaz indicador do gosto e dos modelos seguidos em cada época, as soluções encontradas para receber estes acervos, necessariamente adequadas à própria organização das instituições, emergem como um paradigma de grande coerência e unidade estilística, onde podemos integrar:

- As características arquitetónicas do edifício;
- As características dos espaços, sua distribuição, decoração e mobiliário;
- As características do acervo, nomeadamente as importantes coleções de arte existentes em algumas bibliotecas, conservadas em galerias de pintura ou gabinetes de «curiosidades».

Ícone incontornável do barroco europeu, a biblioteca joanina da Universidade de Coimbra destaca-se, naturalmente, neste panorama. E ao seu impacto não foram alheias as edificações futuras, revelando-se, a década de 70, particularmente próspera em realizações desta natureza (SALDANHA 2013: 100-101). Neste quadro, Mafra emerge como um dos mais emblemáticos e monumentais produtos da chamada arte das bibliotecas em Portugal.

O período joanino

A iniciativa de erguer em Mafra uma biblioteca remonta, naturalmente, ao projeto inicial do complexo. São contudo escassos os testemunhos documentais subsistentes. Intenção desde logo patente nas importantes encomendas de livros feitas por D. João V, fundamental para um melhor conhecimento da génese da obra mafrense é também o interesse do monarca na reprodução das grandes bibliotecas europeias. Tendo em vista os seus próprios empreendimentos, encarregaria sistematicamente os seus embaixadores, como é sabido, de efetuar levantamentos do que de mais notável se produzia. E será precisamente depois de concluída a biblioteca da Universidade de Coimbra, em 1727, que Diogo de Mendonça Corte Real encetará uma intensa troca de correspondência com os vários agentes diplomáticos do monarca, procurando reunir informação sobre o conteúdo e organização das mais célebres bibliotecas europeias. Tendo em vista a grandiosa empresa de renovação da Biblioteca Real (em vias de constituição desde 1721), certamente que vislumbraria também, dez anos passados sobre o início das obras em Mafra, a oportunidade para idealizar a sua futura livraria.

Assunto estudado por Marie-Thérèse Mandroux-França, no âmbito da sua investigação sobre as políticas artísticas e culturais de D. João V (MANDROUX-FRANÇA 1986: 126-127), é pois a autora quem revela as diversas instruções dirigidas a alguns diplomatas:

- A Francisco Mendes de Góis (em Paris), a 25 de fevereiro de 1727, solicitando uma investigação detalhada e cuidadosa sobre as principais bibliotecas de Paris, públicas ou privadas;
- Ao conde de Tarouca (em Viena), a 18 de março de 1727, solicitando informações sobre as principais bibliotecas da Europa central, monásticas, públicas ou privadas, não apenas respeitantes aos seus acervos, mas também à sua organização material, conceção arquitetónica e decorativa;
- A D. Luís da Cunha (em Haia), solicitando que proceda ao levantamento das principais bibliotecas da Flandres e Países Baixos.

Em semelhante sentido, dando conta de um dos raros indícios materiais da biblioteca de Mafra em tempos joaninos, destacamos a missiva dirigida por José Correia de Abreu, a 10 de maio 1730, ao embaixador de Portugal em Roma, frei José Maria da Fonseca e Évora. Referindo-se à intenção de se aproveitarem os *bozzetti* das estátuas marmóreas encomendadas para a basílica, solicita que sejam realizados, não apenas os modelos «grandes», mas também outros em terracota, que servissem de ornamento às estantes da livraria:

Como se deuem fazer destas Estatuas modellos pequenos (alem dos grandes) V. Rma. ordenará aos artifices os fação todos de medida de 3 palmos, de terra cozida, os quais V. Rma. me mandará bem acondicionados que se não quebrem, pois deuem servir para ornar por sima as Estantes da Liuraria¹.

Neste panorama, de informações isoladas, sabemos ainda que em 1744 a livraria estaria provisoriamente instalada no 3.º piso, por não estar acabada a principal com o último adorno, que fica no 5.º e último plano, no lance onde se completam os quatro dormitórios e ainda se acha muito imperfeita», possuindo tecto revestido de «mármore branco de distintos labores (BANDEIRA 1730-1744).

Portanto, informa-nos Guilherme de Carvalho Bandeira sobre a intenção de se instalar a biblioteca em espaço próprio, mas que não era ainda aquele onde viria a fixar-se definitivamente.

Apesar da dispersão dos dados relativos à sua concretização material no reinado de D. João V, certo é que, logo em 1751, frei José do Prado descreveria a livraria na sua atual localização. Não se referindo às estantes ou à organização dos livros, alude, porém, a interessantes aspetos decorativos

1 BNP MSS. 41, n.º 7, doc. 21, f. 4 v. Documento que tem sido referido por diversos autores, seria. pela primeira vez publicado por Carvalho (1962: 404-407). Clarificando quanto à existência de um projeto para o espaço, semelhante opção não seria, de facto, adotada na obra final mas, curiosamente, no convento de Jesus, em Lisboa, cujas estantes são coroadas por um conjunto de bustos.

do espaço, como a pintura dos tetos apainelados, os portais esculpidos, ou o rico pavimento de embutidos:

He esta casa pelo tecto toda apainelada de vários debuxos sacados fora, e obrados na mesma abobeda, fazendo huma vistosa perspectiva; no fecho da abobeda no meyo tem huma grande pedra branca redonda, e nella esculpida a figura do Sol. Tem nas cabeceiras das casas dous maravilhosos portaes de pedra branca de vinte palmos de alto, e dez de largo com cimalthas de vistosa obra, como he o pavimento de xadrez de pedra azul, branca, e vermelha (PRADO 1751: 133).

O período josefino

Adiada, em tempos joaninos, a transferência das obras e a conclusão do espaço destinado à grande livraria conventual, a biblioteca de Mafra apenas viria a concretizar-se, como se sabe, nos finais do século XVIII. Armazenando-se o acervo, até então, nas duas «Casas da Livraria», só em 1772, com o ingresso dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, a sala destinada para esse fim seria equipada para receber a vasta herança bibliográfica iniciada pelo soberano fundador.

Deste modo, seguindo os planos e orientações de Manuel Caetano de Sousa (SANTANA 1819: 1, 1), o espaço era dotado de um elegante conjunto de estantes em madeira, revestindo integralmente as suas paredes. Arquitecto oriundo de Mafra alcançaria relevantes funções ao longo de todo o século XVIII, com destaque para alguns dos mais emblemáticos empreendimentos régios como Mafra, Bemposta ou a Ajuda².

Num tempo em que a gestão das obras se alterava significativamente, concedida que era aos Cónegos Regrantes, interessa sublinhar a sua efectiva responsabilidade nesta empreitada. De facto, como já anteriormente pudemos clarificar (SALDANHA 2012), D. José I atribuía aos novos ocupantes do convento uma dotação anual de 24 000\$000 réis e um

2 A documentação sobre os principais cargos obtidos encontra-se levantada em Viterbo (1899: 1, 150-153).

impressionante conjunto de rendimentos, destinados à manutenção da comunidade e da grande fábrica joanina³. E assim, como reconhece Joaquim da Conceição Gomes, os Regrantes vinham gastar em Mafra «as suas rendas; e com effeito, na conservação e melhoramento do edifício dispenderam elles importantes sommas.» (GOMES 1898: 11).

Prosseguindo as intervenções a seu cargo, disso mesmo nos informa uma *Relação das obras realizadas na cidade de Mafra pelos padres de Santo Agostinho*⁴. Liquidando centenas de rubricas de verbas com «obras novas», ordinárias e «de reparos», destacamos entre essas os «gastos da livraria»⁵. E a esse propósito, destaque para a interessante informação, concedida por Ribeiro dos Santos⁶, referente aos materiais empregues:

Sobre as Madeiras vos direi que não entrou pinho nem outro pao ordinario em todo o edificio; porem Madeiras da primeira ordem, fortes, e permanentes: ao contrario do que fizerão depois os Conegos Regrantes que tiverão a fraqueza de formar de pinho a obra das estan-

3 Beneficiando das receitas dos seus extintos conventos, auferiam, por exemplo, os dízimos e foros dos mosteiros de Landim, Vila Boa do Bispo, Refóios, Paderne, Moreira, São Martinho e São Jorge. Por outro lado, para além dessas receitas, gozavam ainda os Regrantes dos juro reais já antes atribuídos a S. Vicente de Fora, provenientes de coletas públicas, mas sobretudo de uma longa lista de instituições fiscais, como a Alfândega de Lisboa, o Conselho Ultramarino, a Alfândega do Tabaco, a Casa das Carnes, a Tábula de Setúbal, o Almoxarifado das Três Casas, a Intendência dos Armazéns e, até mesmo, do Tesouro da Casa de Bragança. Cf. ANTT. Conselho Geral do Santo Ofício. Papéis avulsos. Livro de Registos de Minutas, Mç. 2, N.º 307, f. 23 v.-24.

4 BN Rio de Janeiro. *Colecção Portugal*. 1-32, 29, 049.

5 E de muitas outras, como «cera e gastos da sacristia», «iluminação do convento», «vestiaria dos padres», «ordenado do médico» ou da «botica». Cf. ANTT. Núcleo dos Extraídos do Conselho da Fazenda. Casa das Obras e Paços Reais. Obras de Mafra, Livro 83 A, f. 5-10.

6 Agradeço a Maria Luísa Cabral a atribuição de autoria desta Carta, fundamental para o estudo do edifício. *Carta sobre as coisas notáveis do edifício de Mafra*. Belas, 15 de agosto de 1805. BNP COD 4711: f. 171-185.

tes da Livraria, gastando muitos mil cruzados, em páo, e talha: mas Dom João era Rey e os Vicentes erão Frades⁷.

Projeto que os cónegos não chegariam a ver concluído, devido ao seu regresso a S. Vicente de Fora (12 de maio de 1792). Por terminar ficava a colocação de retratos nos medalhões ovais (ASSUNÇÃO 1958: 81) e a douragem das estantes, «como os mesmos cónegos tinham determinado» (SANTANA 1819: 1, 1).

A transferência dos livros para o novo espaço viria, contudo, a concretizar-se pouco depois, já com os Arrábidos, recentemente regressados ao convento. Apreciados que foram os trabalhos de Manuel Caetano de Sousa, ao serviço dos Cónegos Regrantes durante vários anos, quando em 1792 estes reingressam em S. Vicente de Fora, não deixariam de lhe reconhecer os «bons officios», amizade e «boa vontade nas muitas vezes que tem ajudado as Dependencias desta Caza». Por esse motivo, a 14 de fevereiro de 1793, um ano após a sua saída de Mafra, determinam a eleição de Caetano de Sousa como architecto da Ordem, conforme se precisa no *Livro dos Assentos das Determinações dos Capítulos*:

E logo ponderou como a todos Nos era notoria a amizade que nos servia o Tenente coronel da Engenharia Manoel Caetano de Soiza, mostrando a sua boa vontade nas muitas vezes que tem ajudado as Dependencias desta Caza sobre a qual ainda confiamos, esperando de conseguir para o diante por via dos seus bons officios muito do que ainda nos há precizo para a completa restauração deste nosso Mosteiro: pelo que lhe parecia justo que em sinal da nossa gratidão o ellegessemos para nosso Architecto dando lhe em cada anno 1000\$000 r.^s; e como

⁷ *Idem In* José Manuel Gandra – *Monumento de Mafra Virtual*.

<<http://www.cesdies.net/monumento-de-mafra-virtual/carta-sobre-coisas-notaveis-anonimo>>. Consultado a 8 jan. 2014.

todo o cabbido estava inteirado da verdade que expunha S. R.^{ma} foi o seu Parecer aprovado por todo o convento nemina discrepante⁸.

Estruturada num vasto salão de amplo pé-direito, o elemento que mais significativamente marca a leitura da biblioteca mafrense é, sem dúvida, o revestimento integral das suas paredes com duas ordens de estantes. Em madeira pintada e coroadas por elegantes concheados *rocaille*, desenvolvem-se em todo o perímetro, assentes sobre grandes mísulas e separadas por um movimentado balcão intermédio. Tendo por base os bem conhecidos modelos internacionais, é inegável o impacto de tais estruturas na idealização destas obras em Portugal, especialmente documentadas no contexto da ação de frei Manuel do Cenáculo (SALDANHA 2013). Equipamento estruturador do espaço, proporcionando unidade ao interior, constitui, portanto, um elemento determinante na organização do vasto salão, que divide por áreas de saber.

Marca da intervenção do seu criador, a estrutura idealizada emerge como um paradigma estético de grande coerência estilística, ímpar pela sua unidade, distribuição dos espaços, decoração e mobiliário. Obra que constitui um bom indicador dos modelos estéticos do tempo – de formas graciosas e movimentadas, repleta de referências *rocaille* – reflete também os esquemas cristalizados por Manuel Caetano de Sousa, dotado de especial sensibilidade no plano ornamental. Atuando em pleno período pom-balino, a marca diferenciadora da sua obra consiste, precisamente, na antítese ao rigor geométrico e programado dessa arquitetura dominante, assumindo valores bem definidos e privilegiando uma orientação estética claramente rococó.

8 AHPL – *Livro dos Assentos das Determinações dos Capítulos do Convento do Real Mosteiro de São Vicente de Fora (1772-1834)*. f. 24.

Manuscritos

ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO DE LISBOA (1772-1834) – *Livro dos Assentos das Determinações dos Capítulos do Convento do Real Mosteiro de São Vicente de Fora.*

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. Conselho Geral do Santo Ofício [s. d.] – *Papéis avulsos. Livro de Registos de Minutas, Mç. 2, N.º 307.*

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO. Núcleo dos Extraídos do Conselho da Fazenda [s. d.] – *Casa das Obras e Paços Reais. Obras de Mafra, Livro 83 A.*

BIBLIOTECA DO PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA

SANTANA, João da, frei (1819) – *Catálogo da Real Livraria de Mafra.*

BANDEIRA, Guilherme Jozé Carvalho (ca 1730-1744) – *Relação do Convento de Santo António de Mafra, suas officinas e Pallacios que se fundarão misticos ao dito Convento.*

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO [s. d.] – *Colecção Portugal. I-32, 29, 049.*

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

MSS. 41, N.º 7, Doc. 21.

COD 4711, f. 171-185.

Bibliografia

ASSUNÇÃO, Guilherme José Ferreira de (1958) – *À sombra do Convento.* Lisboa: Oficinas da Editorial Império.

AZEVEDO, Carlos de (1956) – «Some Portuguese Libraries». *The Connoisseur Year Book.* London: National Magazine. 31-39.

«Bibliotecas Portuguesas». In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.* Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia. 1982: 4, 649-677.

- CAMPBELL, James W. P. (2013) – *The Library: A World History*. Chicago: University of Chicago Press.
- CARVALHO, Ayres de (1962) – *D. João V e a arte do seu tempo*. Lisboa: Edição do Autor. 2 vol. (Vol. 2).
- GOMES, Joaquim da Conceição (1898) – «Mafra. Convento, Mosteiro». *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. S. 3, 8: 1-2 (1898) 11-13.
- MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse (1987) – «La politique artistique européenne du roi Jean V de Portugal en direction de Paris». In *Colloque Histoire du Portugal... Paris, 22-23 mai 1986 – Histoire du Portugal, Histoire Européenne: actes*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais. 111-142.
- MASSON, André (1962) – «Le décor des bibliothèques anciennes au Portugal et en Espagne». *Bulletin des Bibliothèques de France*. Paris. 2 (1962) 87-99.
- PIMENTEL, António Filipe (1989) – «Bibliotecas». In *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. 88-92.
- PRADO, João de S. José do, frei (1751) – *Monumento Sacro da Fábrica, e Solemnissima Sagração da Santa Basílica do Real Convento*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues.
- SALDANHA, Sandra Costa (2012) – *Alessandro Giusti (1715-1799) e a Aula de Escultura de Mafra*. Coimbra: FLUC. 2 vol. Tese de Doutoramento em História (variante História da Arte). Texto policopiado.
- SALDANHA, Sandra Costa (2013) – «O paradigma estético da biblioteca Joanina: bibliotecas conventuais setecentistas». In *Encontro Nacional As Bibliotecas e o Livro em Instituições Eclesiais, 2 e 3, Porto, 2011 – Actas*. Lisboa: SNBCI. 99-117.
- VITERBO, Sousa (1899) – *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e construtores portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 3 vol.

